



O CYPRESTE COMMUM.

(*Cupressus sempervirens*).

Está apontando o agudo Cypariso
Para onde é posto o ethéreo Paraiso.
CAMÕES. *Cant. IX Est. 57.*

Não descreveremos o cypreste. Bastante commum é esta arvore em o nosso paiz, bem distincta pela sua forma pyramidal, e bem conhecida como symholo da morte e adorno de cemiterios. Os poetas, aproveitando as praticas das imaginosas Grecia e Roma antigas, a consagraram aos finados, como votaram o louro aos heroes guerreiros: de forma que quasi que não ha elegia ou nenia sem ramo de cypreste á mistura. Daqui vem que a negra melancholia ofusca as almas timidas, ao contemplarem esta arvore, que todavia é esbelta e graciosa, quando se ergue uniforme como um marco no meio da emmanhada folhagem das suas companheiras da selva. E tambem essa uniformidade, junta á sua verdura sombria e permanente, lhe dá certa apparencia monumental, coherente com o silencio das moradas dos mortos. Alem do que, não devendo plantar-se nestes recintos arvores, que se despojem annualmente, e que bracejem dilatando troncos irregulares e

entrelaçando-os com abundante ramagem, de forma que façam barreira á livre circulação do ar; é por esta rasão physica o cypreste mui proprio para adorno dos tumulos.

Os antigos julgavam que a madeira de cypreste era incorruptivel, porque resiste ao estrago do caruncho, e com effeito é de muita dura e consistencia: não só faziam della os caixões dos defuntos, mas tambem as arcas onde guardavam cousas que desejavam transmittir a mui remota posteridade. As caixas das momias, que vem do Egypto, pela maior parte são desta madeira.

As pinhas, que o cypreste produz, attribuem muitos virtude vermifuga; são muito adstringentes, e gastam um anno para amadurecer; queimando-as, o fumo afugenta os mosquitos. Não falta quem diga que a rama de cypreste mettida entre roupa livra esta da traça.

Não se julgue porem que todas as especies de cyprestes tomam a forma pyramidal; ha uma designada pelo nome de *cupressus horisontalis*, que dilata os ramos em direcção quasi horisontal, sobe a grande

altura, e é originaria dos paizes de Levante. Ha especies americanas, como o *cupressus disticha*, e o *cupressus thuyoides*, que se dão nos logares pantanosos, onde vegetam prodigiosamente chegando a fazer arvores das mais corpulentas daquelles climas, e muito apreciaveis pela sua excellente e duradoura madeira. Conviria muito aclimatar estas especies, que poderemos denominar aquaticas, e que prosperam nos climas quentes ou temperados, para transformar em proveitosas selvas muitos paúes e outros terrenos alagadiços. Alguns pés, que no meado do seculo passado foram plantados n'alguns sitios da França, não vingaram, como diz Mirbel, por serem postos em chão falto d'humidade.

LISBOA. 3.º

LISBOA está quasi no mesmo grau de latitude que a cidade de Messina na Sicilia, e que a villa da Praia da Victoria na ilha Terceira (*).

O clima desta capital é aprazivel e saudavel: a sua temperatura media annual foi avaliada em 16º 5 centigr. [quasi 62º de Fahr. ou 13º 2 de Réaum.] segundo as exactas observações do Sr. Franzini. — O vento Norte, dominante no verão, tempera e purifica o ar; e se muda frequentemente para Noroeste é talvez em rasão de lhe desviarem a direcção as serranias de Cintra. As vezes ao anoitecer sente-se frio no outono, porque proporcionalmente faz muito calor na força do dia. O verão, no commum dos annos, é bastante quente: varias observações mostraram que os *maximum* do calor em Lisboa são superiores aos observados no Rio de Janeiro, posto que a temperatura media desta ultima cidade seja mais alta que a da nossa. Do quadrante entre Norte e Leste sopram os ventos mais frios, porem os invernos geralmente não são demasiado rigorosos: todavia annos houve de cahir neve, como, ha 25 annos para cá, em 1815, 1829, e ultimamente no principio de Janeiro de 1836 que nevou com excesso. Em resultado das apuradas observações meteorologicas do Sr. Franzini podem com raras alterações repartir-se as estações do anno em Lisboa, contando o inverno de Dezembro a Março inclusos, a primavera nos dois mezes de Abril e Maio, o verão natural de Junho aos fins de Setembro, e o outono em Outubro e Novembro.

Por curiosidade apontamos neste logar as epochas ordinarias da florescencia de tres arvores em Lisboa e em Lexington, nos Estados-unidos do norte da America, cidades comprehendidas no mesmo paralelo, para que se note a differença do progresso das estações em dois paizes, que considerados astronomicamente estão em latitudes quasi iguaes, calculando-se ordinariamente em 38º 43' a de Lisboa, e a de Lexington no Kentucky em 38º 6'. O damasqueiro, o pecegueiro e a cerejeira florecem nesta ultima cidade de 6 a 15 d'Abril, e em Lisboa na segunda semana de Fevereiro.

Se pertender-mos agora determinar a população desta capital, ainda que não façamos caso da fluctuante, grande será a difficuldade, porque não ha sufficientes dados estatisticos para avaliar a fixa. Oliveira que escreveu em 1551 dá então a Lisboa 10 \$ casas, 18 \$ vizinhos, e 100 \$ almas, entrando 9 \$ escravos. Antes de aclamação de D. João 4.º commungavam nella 120 \$ pessoas. Baldado porem será recorrer aos escriptores antigos, porque alem

(*) Acerca da latitude e longitude de Lisboa podem os curiosos consultar a Memoria do Lente Villasboas inserta no 1.º Tomo da Coll. das da Academia, in fol.

das necessarias mudanças que occasiona em toda a parte o lapso dos tempos, muitas circumstancias se ajuntaram para alterar o numero permanente dos habitantes de Lisboa, e que talvez não concorram n'outra cidade. A nossa successivamente se foi augmentando com bairros novos, mas o fatal e ultimo terremoto a arrasou; parece porem que ressurgiu das ruinas mais vasta e povoada: em nossos dias a invasão franceza, as guerras civis, assolando as provincias, lhe trouxeram duas numerosas classes d'habitantes; os que tinham rendimentos e demandavam segurança, e os que não podendo exercitar sua industria e capacidade na terra natal viuham procurar emprego e trabalho: concentrou-se, por assim dizer, grande porção de moradores do interior do reino na capital. Por outra parte a emigração da Familia real para o Brazil, as continuas guerras de então para cá sustentadas, a espantosa devastação da cholera, deviam motivar diminuição na população. Eis-aqui pois uma grande variedade de causas, umas que destroem, outras que renovam ou augmentam! A par desta incerteza caminha a incuria que tem havido em organizar o quadro estatistico do reino. Se nos quizermos valer dos documentos officiaes acharemos que no mappa, que acompanha a lei eleitoral de 8 de Outubro de 1836 se dá a Lisboa o numero de 220:000 habitantes repartidos por 46:520 fogos, incluindo as freguezias d'Ajuda e de Belem, mas tambem acharemos que *na falta de recenseamento exacto foi este numero deduzido por calculos indirectos, fundados no termo medio dos nascimentos durante cinco annos*. Os nossos geographos do seculo passado laboravam em duvidas para assignar um numero certo, e por isso não damos os seus computos; alguns estrangeiros modernos calculam a esmo que Lisboa encerra 260:000 habitantes; persuadimo-nos que as pessoas que residem aqui habitualmente, estando nas circumstancias de bons avaliadores, não acharão este calculo exaggerado.

Confiamos em que d'ora em diante serão devidamente apreciadas entre nós a importancia e as vantagens da Estatistica, sciencia que não só dá em resultado o conhecimento da população, mas o das forças, riquezas, e em summa de todos os recursos de qualquer estado. As averiguações e trabalhos neste ramo interessante da Economia politica fornecem as bases seguras para o recto lançamento dos tributos e do recrutamento, e para milhares de providencias legislativas, que devem estribar-se em factos, que só a Estatistica póde appresentar claramente.

Deixando porem questões incidentes, e entrando em o nosso objecto principal, pareceu-nos que para seguir-mos ordem na descripção topographica da cidade, seria o mais acertado pôr de parte todas as antigas divisões de bairros, e adoptar a do decreto de 25 de Setembro de 1833, isto é considerar Lisboa dividida nos seis districtos denominados *Alfama, Mouraria, Rocio, Bairro-Alto, Santa Catharina, e Belem*, mencionando tudo que houver notavel dentro dos limites das freguezias de cada um desses districtos, segundo as noticias que podermos obter. (*) É portanto muito coherente com este plano, começar pelo primeiro districto, principalmente porque foi este a cidade primitiva, e o nucleo da povoação da capital magestosa que estendeu os braços pela margem esquerda do Tejo, e hoje disputa preferencias á maioria das cortes dos soberanos da Europa.

(Continuar-se-ha).

(*) E' nossa intenção dar no fim desta serie de artigos, como em recopilação, um quadro succinto das divisões ecclesiasticas e civis da capital na sua actualidade, assim como das particularidades estatisticas que alcançar-mos.

APPLAUSOS DOS JESUITAS AO ARCEBISPO.

Chronica de Braga.

QUE a nobreza de Braga festejasse a boa vinda do seu novo arcebispo com toda a sorte de cavallaria (*): que o povo se saísse com os seus bailes e tangêres; usança velha era. — Mas o festejo, que no collegio de S. Paulo da companhia de Jesus se preparava para a recepção do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, não nos consta que tivesse modelo nos seculos antecedentes, nem imitação nos subsequentes. Se as festas da cidade nos recordam as tradições da idade média na sua pureza; as festas dos jesuitas nos retratam ao vivo um seculo singular, cuja indole, distincta já da idade média nos usos e nos costumes, e ainda distante da moderna na cultura do espirito, e apuro de gosto nas artes de imitação, era caracterizada pela extravagante maneira de tratar as letras e as sciencias, e pela sincera devoção, com que se confundia o sagrado com o profano. Não será portanto ociosa curiosidade comparar entre si estes dois generos de festas, que cremos darão materia a interessantes reflexões.

As 7 horas da manhã da segunda feira 21 de Junho de 1627, acompanhado de mui luzida comitiva, se encaminhou o arcebispo para o collegio da companhia. Chegando á porta da igreja foi-lhe necessario fazer pausa da banda de fóra, por quanto havia alli que ver e ouvir. A fachada do portal estava armada de lustrosas sedas, e d'uma e d'outra banda se levantavam dois taboleiros altos, alcatifados, e com toldos de seda, nos quaes se viam quatro figuras ricamente vestidas. A primeira representava ser S. Paulo, padroeiro da igreja, o qual vestia uma roupa comprida de setim roxo, toda recamada de ouro, sobre a qual lançava ao uso antigo uma sobre-veste de velludo carmezim, bordada de passamanes largos de ouro, e semeada de umas peças de cristal fino, que realçavam sobre a purpura do manto. Auctorisava tudo uma barba branca e comprida; tinha a mão direita descansada sobre um montante, e na esquerda sustentava um livro dourado, que representava o de suas epistolas. As outras tres figuras eram as virtudes theologaes, Fé, Esperança, e Caridade, as quaes o apostolo S. Paulo com mais vivas rasões que todos encareceu e declarou. — Pensaes talvez agora que estas figuras eram alguma pintura muda, ou formadas de fria pedra, ou insensivel lenho? nada disso. Estas figuras eram, como nós outros, de carne e osso; repetiam com voz clara e sonora harmoniosos versos latinos, analogos á acção do dia; e se algum indiscreto curioso ousasse levantar a ponta das ricas vestes, que trajavam, lá enxergaria por baixo a roupeta da companhia. — O mesmo gosto de armações custosas, e figuras allegoricas, continuava dentro da igreja. Nos vãos dos confessionarios, que do cruzeiro até a porta cercam a igreja, cinco de cada banda, estavam figuras semelhantes, que se correspondiam desta fórma. O Zelo ficava defronte da Prudencia; o Conselho da Justiça; a Fortaleza ou Constancia do Temor; a Clemencia do Rigor; a Religião do Sacrificio. Todas por extremo bem ataviadas; e davam uma nova graça ao que diziam a pronunciação, o bom ar, e meneios ensaiados com que representavam. Feita a oração, tomou o arcebispo o seu lugar debaixo do docel, e logo subiu ao pulpito o padre lente de rhetorica, que em louvor de S. Ill.^{ma} recitou por espaço de tres quartos d'hora uma oração, que, no entender do chronista destas festas, foi eloquen-

te, com muitas flores e figuras de rhetorica, copia e ornato de palavras. Desceu o padre do pulpito, e ficando o arcebispo no mesmo logar, saíram alguns meninos a representar uma egloga pastoril. Vinham divididos em dois bandos. Uns mostravam ser pastores do Douro, que com seu rio, vestido á tragica, se vinham queixando da ventura, por lhes faltar naquelles dias seu maioral. Outros, trazendo comsigo ao rio Lethes [ou Leste, que corre junto da cidade], tambem á tragica, festejavam a boa dita em que se viam com a vinda de S. Ill.^{ma} Uns e outros se expressavam com muita graça em excellente poesia portugueza, variada com differentes metros e rimas. E como depois desta representação fossem horas de jantar, acompanhou S. Ill.^{ma} os padres ao refeitorio. Mas não pôde ser aqui mui longa a demora; que posto que extensa fosse a tarde, ainda era curta para o que havia que ver.

As 2 horas depois do meio dia desceu S. Ill.^{ma} ao pateo das escholas, e na entrada da porta estava aparelhada uma figura, que representava a Academia Bracharense, acompanhada pela Philosophia e Theologia Moral, que eram as sciencias maiores que nestes estudos se professavam. — As sciencias menores, ou faculdades de latim, que eram cinco, Rhetorica, Humanidades, Poesia, Historia e Grammatica, determinaram de lhe fazer cada uma seu recebimento; e para isso não quizeram trazer materia d'outra parte, nem argumentos estrangeiros; mas com bom conselho [diz o citado chronista] ordenaram que fossem caseiros, nascidos, e familiares de portas a dentro, tomados só das proprias faculdades. A proposito para este auto se armou no meio do pateo um theatro grande e bem arranjado. Estando o Ill.^{mo} em seu logar, e todas as comunidades da cidade, desembargo, camara, religiosos, e mais nobreza e povo, deu-se principio ao espectáculo pelo *Applauso da Rhetorica*, que como mais graduada faculdade teve na scena a primazia.

A primeira figura foi a que representava Mercurio, a quem os antigos attribuiam a presidencia das artes liberaes; e portanto a todas estas cinco serviu de prologo. Trazia peito e espaldar de vestir, o qual sobre verde ia todo semeado de perolas e joias de ouro com tal ordem, que formavam muitos labores em correspondencia, com uma aba larga de seda carmesim, com rendas de ouro. Na mão levava o seu caduceo com duas serpentes enroscadas; na cabeça um murrião prateado com duas azas jaspeadas de varias cores. Propoz brevemente, com tom de voz engraçado, tudo quando se havia de tratar, e foi festejado á entrada e saida com musica de charamellas.

Entrou depois a Rhetorica com seis figuras tocantes a sua faculdade, que eram Hypotyposis, Apostrophe, Exclamação, Deprecação, Prosopopeia, Emphasis; todas com peitos de vestir tão ricos, que alguns eram avaliados em dois mil cruzados, com trunfas de grande feitio e valor, e no demais roupas de tela de ouro, velludo e damasco, de cores varias bordadas de ouro. Tiveram entre si um breve dialogo sobre os louvores do Ill.^{mo}; e para dar logar a outras figuras fingiram que para o engrandecerem melhor era necessario consultar as Musas. Saindo estas figuras entraram os doze Tropos, todos á portugueza, vestidos de varias sedas e telilhas, com coletes, collares, e cadeias grossas, e nos sombreiros formosas plumas. Dos quaes os tres primeiros, Synecdoche, Hyperbole, e Hyperbaton, tocavam instrumentos, com que dançaram mui airoosamente. Os outros nove Tropos vinham da mesma maneira vestidos; aparelhados com instrumentos para uma folia, para

(*) Vej. a pag. 35 e 46 deste vol.

a qual estavam bem ensaiados. Traziam excellentes vozes, sendo o Estylo guia dos demais, e por essa causa levava a bandeira. Catacresis tocava o tambor, por quanto com desigual tom quer acompanhar e contrafazer os demais instrumentos. Metalepsis e Periphrasis com violas cantavam o baixo: Metaphora e Antinomia tenor: Metonimia e Onomatopeia contralto; todos quatro com pandeiros: Ironia e Allegoria cantavam tiple com viola e rebequinha. A letra participava em parte dos encarecimentos, que conforme sua arte costumam.

Cielo no quiero me deis
Gloria en el mundo maior,
Que acrecentar con mis años
Los años de mi pastor.

De Nestor tienga los años
Con los bienes y riqueza,
Que demanda la pobreza
De algunos de sus rebanhos.

Biva, que no puede aver
Pera mi gloria maior,
Que acrecentar con mis años
Los años de mi pastor.

Como as vozes eram escolhidas, e a toada engracada, a todos agradou muito: a que ajudava não pouco o concerto e atavios das figuras. Sairam-se tocando os instrumentos, e deram logar a uma dança de Satyros, trazidos do Parnaso por uma das companheiras da Rhetorica, que era a Hyperbole, persuadidos com força de eloquencia para festejarem o Ill.^{mo}. Era materia de grande recreação [assevera o fiel chronista!] a muita propriedade destas figuras; porque todos tinham vestidos de felpas e martas, ao justo, com mascaras mui proprias, feitas de novo para elles. Eram estes Satyros por todos sete, dos quaes o guia com grande graça e destreza tocava um pandeiro; os contra-guias viola e rebequinha; os outros quatro com escudos e maças, que tocaram entre si a pancada dos instrumentos, dançaram com tantas voltas e enredos, que a todos pareceu breve o tempo, que alli andaram, deixando de si saudades no auditorio, quando se foram. — Occupou a Rhetorica outra vez o theatro com as seis figuras, e com espirito poeticô começaram a dar parabens e boas vindas ao Ill.^{mo}, com muitos epigrammas, e outras varias poesias. Remataram com uma concertada dança, guiando-as a mesma Rhetorica; e parando, assignaram materia para as demais classes, com o que se saíram. — E em quanto não entrava o segundo applauso, se encontraram no theatro dois estudantes rhetoricos, um de Salamanca, outro de Braga, e sentindo-se ambos, [como acontece] delgados da bolça, deram em uma graciosa traça de grangear o que lhes faltava, e serviram de passatempo aos que não entendiam latim.

Da maneira como a Rhetorica se houve neste applauso, poderão nossos leitores ajuizar quaes seriam os das outras quatro faculdades. Bastará dizer que assim como a Rhetorica festejou a S. Ill.^{ma} com os Tropos e Figuras da sua arte, vestindo e fallando conforme o pede a natureza de cada uma: assim a Humanidade se saiu com virtudes e empresas tocantes a sua profissão: a Poesia com a diversidade de poemas, heroico, tragico, lyrico, e outros, com insignias proprias de cada um: na Historia entrou a Europea, Asiatica, Africana, e outras, dando cada uma rasão dos feitos illustres, que em suas terras fizeram os Cunhas e outros de quem o arcebispo pro-

cedia. Á conta da Grammatica ficou buscar traça para com suas declinações e conjugações acrescentar a festa, o que soube fazer com tal graça, com tal primor e riqueza das figuras, que quanto a materia em si parecia mais esteril, tanto a invenção foi mais engenhosa e festival.

J. H. da C. R.



CAVALLEIRO DA ORDEM DE SANCTIAGO.

INSTITUIÇÃO DAS ORDENS MILITARES EM PORTUGAL.

(Continuado de pag. 310 do 3.^o vol.)

II

ORDEM DE SANCTIAGO.

REINAVA em Castella D. Affonso 3.^o, filho de D. Sancho 3.^o, e em Leão seu tio D. Fernando 2.^o, quando foi instituida a milicia dos cavalleiros de Sanctiago. E com quanto alguns auctores queiram reduzir seu principio aos tempos d'elrei D. Ramiro 1.^o, e outros ao d'elrei D. Fernando o Magno, comtudo escriptores mais attentados assentam a sua instituição no anno 1170, em que os cavalleiros desta ordem acceitaram um modo e fórma de vida religiosa, fazendo voto de arriscarem as vidas e gastarem as fazendas na continuação da guerra contra os mouros. A bulla da sua confirmação foi expedida pelo papa Alexandre 3.^o em 1175, a instancia do primeiro Mestre D. Pedro Fernandes, e o logar em que teve seu primeiro assento foi um mosteiro de Sancto Eloy de conegos regrantes de Sancto Agostinho em Galliza, aonde deram obediencia os cavalleiros de Sanctiago, acceitando a sua regra e institutos. Elrei D. Fernando de Leão os favoreceu de modo que em breve se dilataram pelas outras pro-

vincias de Hespanha, onde se fundaram e dotaram muitas casas desta ordem.

Tambem em Portugal foi admittida a nova milicia logo de seu principio, porquanto sabendo os cavalleiros como elrei D. Affonso Henriques estava cercado em Santarem por elrei de Sevilha, com um poderoso exercito de mouros, o vieram socorrer, e se houveram com tanto valor que elrei D. Affonso em gratificação deste beneficio os recebeu no reino, e lhes fez muitas doações.

Teve a ordem, no que toca a Portugal, seu primeiro assento em Lisboa no mosteiro de Santos o velho, onde permaneceram os cavalleiros até o tempo d'elrei D. Affonso 2.^o, em que se mudaram para Alcacer do Sal, quando esta villa se ganhou aos mouros: daqui passaram para a de Mertola no reinado de D. Sancho 2.^o, até que em 1482 se estabeleceram no convento de Palmella, que ficou sendo cabeça de toda esta religião.

Imitaram a grandeza d'elrei D. Affonso Henriques seus successores, e em particular os reis D. Sancho 1.^o e 2.^o, em cujos tempos foi esta ordem mui favorecida e dotada, continuando comtudo os cavalleiros portuguezes a ficar sujeitos aos Mestres de Castella, até que no reinado d'elrei D. Diniz alcançaram uma bulla de isenção, expedida pelo papa Nicolau 4.^o em 1288; foi porem deferida a sua execução até o anno 1291, em que estes cavalleiros elegeram por seu primeiro Mestre a D. João Fernandes. Os papas Celestino 5.^o e Bonifacio 8.^o, successores de Nicolau, uniram de novo a ordem de Portugal á de Castella, movidos pelas instancias do Mestre castelhano; reclamando porem os portuguezes contra esta sugeição, obtiveram outros breves e favores dos mesmos pontifices com que foram continuando na eleição dos seus Mestres, até que averiguados pelo papa João 22.^o os fundamentos que havia para se eximirem da obediencia de Castella expediu a bulla de separação no anno de 1320.

A profissão que faziam os cavalleiros ou freires leigos era a mesma que a dos freires clericos, salvo que estes promettiam castidade absoluta a differença daquelles que a faziam conjugal; e assim ficou o mosteiro de Santos de Lisboa deputado para recolhimento das mulheres e filhas dos commendadores quando iam á guerra: deste convento antigo se mudaram para o de Santos o novo em tempo de D. João 2.^o O papa Gregorio 13.^o relaxou o voto de pobreza, concedendo-lhes o privilegio de poderem testar de todos os seus bens.

As condições que devia ter o que recebia o habito vem expressas nos estatutos reformados pelo senhor D. Jorge, duque de Coimbra, Mestre d'Aviz e Sanctiago, filho illegitimo d'elrei D. João 2.^o (::), aonde no cap. 4.^o diz o seguinte:

«A nossa santa ordem em seu principio foy estabelecida e fundada per cavaleyros nobres e de grande linhagem, os quaes ordenaram que os que a ella ouvessem de ser recebidos fossem pessoas fidalgas e cavaleyros de boa geraçam e bons costumes, taes que podessem exercitar ho auto de cavalaria e servir a ordem. E querendo nos conformar com este costume antigo estabelecemos e ordenamos que as pessoas a que se ouver de lançar ho habito tenham as calidades sobreditas; e alem disto que elles e seus pays, mãys e avos dambas as partes nam fossem judeus nem mouros; mas se algum alumiado da graça de Deus se converter a nossa santa fe, e for tal pessoa de que a ordem seja servida ou honrada, em tal caso o podera o mestre receber a ella.»

(::) Estes estatutos sahiram impressos em Lisboa, anno 1548, na officina de Germão Galharde.

E no cap. 5.^o:

«Toda pessoa que ouver de receber ho abito nam sendo pera clerigo, e sendo mayor de quatorze anos, mostrara como he armado cavaleiro antes de tomar ho abito, e quem o armou se tinha poder pera yssso. E nam ho sendo passara o mestre sua carta pera hũ cavaleiro da ordem o fazer, e quando ho ouver de fazer sera nesta forma: Em hũ moesteiro ou ygreja, diante de hũ altar; e avera hy outro cavaleyro do abito ao menos, afora ho padrinho, e este cavaleyro lhe calçara as esporas: e sendo presentes dous alem do padrinho cada hũ lhe calçara hũa espora, e o padrinho lhe cingira a espada, e entam assentar-seha em giolhos o que ha de ser feyto cavaleyro e ho padrinho lhe pora ho capacete e tirarlheha a espada da bayna, e tendo-a na mão lhe dira: F. que-reis vos ser cavaleyro? — respondera sy. Dirrlheha mays: aveis de prometer que polla sancta fe catolica nam arreceys a morte quando comprir, e assy per vosso rey e per vosso mestre e ordem, e pella defensam da republica: — e respondera que assy ho promete. Darlheha entam o padrinho com a espada no capacete hũ golpe dizendo Deus vos faça bom cavaleyro, e tornarlheha a metter a espada na bainha. Levantarseha entam ho novo cavaleyro, e dara paz na face ao padrinho e aos outros cavaleyros e pessoas da ordem que forem presentes, dizendo a cada hũ *pax tecum* — responderlhe-ão *et cum spiritu tuo.*»

O habito dos cavalleiros é uma espada corada em fórma de cruz, segundo as guarnições das espadas antigas, e uma das principaes obrigações que tinham era de o trazerem sempre sobre os vestidos ordinarios, e tambem sobre o manto branco nos actos ecclesiasticos. O patrimonio da ordem estendia-se a quarenta e sete villas e logares, com cento e cincoenta commendas, de que lhe fizeram mercê os reis deste reino em gratificação de seus bons serviços.

Do primeiro Mestre D. João Fernandes, que foi eleito depois da separação da ordem, até o senhor D. Jorge, duque de Coimbra, foram em Portugal dezeseis: por morte do duque se uniu o Mestrado á coroa, tendo precedido bulla para esse fim do summo pontifice Julio 3.^o Depois da dignidade de Mestre seguia-se a de Prior-mór de Palmella, que era das mais auctorizadas do reino: o papa Leão 10.^o lhe concedeu uma jurisdicção quasi episcopal, ainda que só a respeito do convento desta villa.

Em um terceiro artigo fallaremos da instituição da ordem de Christo.

CHRONICA DO DESCUBRIMENTO DO BRAZIL.

VII

O CONSELHO.

«Ou se esqueceram ou entenderiam mal as minhas ordens.» Taes expressões em voz quasi imperceptivel soltava o capitão-mór, quando ao chegar ao cimo da escada da camara não encontrou nenhum dos convocados. —

Seriam duas horas da tarde: já se começára a distinguir o descenso do sol. O tempo continúa sereno; e o mestre André Gonsalves faz equilibrio a tal serenidade andando de volta com os mariantes, e zurzindo os que não cumprem o seu dever. Na tolda estão quatro cavalleiros chegados á amurada e proximos ao chapiteu de ré, a deitar contas á sua vida. São as *auctoridades administrativas* nomeadas para a feitoria de Calecut, que discorrendo sobre a possibilidade de não irem desta feita exercer seus cargos, sustentam altercações ácerca de varios assum-

ptos de fazenda. O feitor-mór Ayres Corrêa e o escrivão da receita (*) Affonso Furtado questionam calorosamente; mas Pero Vaz de Caminha parece estar alli só por condescendencia, e o outro escrivão Gonçalo Gil Barbosa, que a final veio a ficar em Cochim, apenas de quando em quando profere algum indifferente monosyllabo.

Em quanto passavam distrahidos com estas questões, tinham atracado da banda de bombordo varios bateis; seguiram-se immediatamente os mais; e os capitães chegaram todos quasi a um tempo, o que nasceu de uma combinação acintosa promovida por Sancho de Toar. Pedr'Alvares sem nada descer da sua posição os veio receber com respeitadas attentões, e conduziu-os á sua camara, convidando para assistirem igualmente ao conselho os empregados da feitoria que estavam na tolda. Todos trajavam ainda do mesmo modo que tinham ido á missa.

O capitão-mór occupou a melhor cadeira, tauriada de madeiras embutidas e posta sobre a alcatafa, em que haviam dormido os dois indigenas: e logo que os mais membros se accommodaram, lançou um olhar grave para tão luzido conselho, e tomou deste modo a mão em tom mui solemne:

— «Senhores, que participaes da gloria de havermos descoberto para o nosso rei e nossa patria este paiz desconhecido não só dos egyptiões, gregos e romãos, como não imaginado do magnanimo duque de Vizeu, nem do vosso companheiro Gaspar Corte-Real [conforme já concordámos na conselho de quinta feira]; nem tão pouco dos castelhanos, que ainda não ha muito induzidos pelo genovez Colombo, [cujas propostas fundamentadas em dois erros (:):] rejeitaram os nossos cosmographos, que mais instruidos os reconheceram], navegando á ventura, e á mercê das aguas e dos ventos, tiveram a fortuna de achar ao norte da linha varias ilhas que não esperavam, e agora proseguem por alli suas explorações com vantagem. Esta grande terra porem, que ora encontrámos tanto ao sul, é-lhes inteiramente desconhecida, e honrará para sempre a nossa memoria; mas tal honra subirá de preço se de todo a descobrirmos. E porem tenho ordens positivas e instrucções d'elrei para ir ao oriente; e as ordens dos reis portuguezes são sagradas para nós seus vassallos, que assim o deixou estabelecido o príncipe de quem S. A. herdou o sceptro e a coroa. E pois meu dever, se o conselho não resolver em contrario, proseguir na derrota que levavamos, e mandar participação a elrei deste descobrimento por uma das suas naus menores. A prudencia me aconselhou de vos ouvir antes de deliberar. Conto com as vossas sinceras opiniões.» —

Não deixou este discurso de produzir certa commoção nos animos, e haveria no fim delle uma pequena pausa se por ventura Sancho de Toar, logo em dignidade inferior ao capitão-mór, e que tinha por costume estar sempre depois da comida mais espiritalizado, com todo o desembaraço o não applaudira logo na sua propria lingua, por desconhecer a portugueza.

«Bien dicho, señor, teneis razon en todo lo que habeis hablado, y como pedís nuestro parecer, yo expondré el mio del modo que entiendo. Sempre vi, señor, que en Castilla se obedecen con puntualidad todas las ordenes quando san terminantes.»

«Não precisamos para isso desses exemplos lá de Castella: temo-los de caça em abundancia» — atalhou Simão de Miranda de Azevedo, immediato na

(*) O Alvará de declaração do seu regimento de 24 de Fevereiro de 1500 existe ainda. C. c. P. 2, m. 3, d. 9.

(:) Washington Irving, Columbus Liv. 1.º

nau capitana, o qual em virtude de certa rivalidade com Toar, proveniente de ter este fidalgo estrangeiro alcançado a sota-capitania-mór, que lhe fôra prometida, não poupava oportunidade de o embarçar. «Porem cumpre tambem, senhores, que este negocio seja tratado com madureza. O regimento que trazemos não preveniu tão grande acontecimento, e em tal caso um conselho assim composto de individuos desejosos [fallo na totalidade, disse voltando-se ironicamente para Toar] de promover o bem da patria, póde decidir o que será de conveniencia fazer-se. Se pois mandámos por um navio recado a elrei vai a frota para o Oriente com outra nau de menos, alem da que já de nós se apartou»...

«E eu que o diga» — interrompeu Nuno Leitão — «que nas alturas de Cabo-verde — fez já um mez — a busquei com a minha veleira — *Annunciada* — durante os dois dias que a frota alli pairou — quem sabe se de caso pensado s'ausentou para se voltar e ir metter em Lisboa, desculpando-se de ser desgarrada por algum temporal que ninguem viu.»

«Isso era o menos» disse com voz atroadora Pedro de Ataide de Penacova, alcunhado o Inferno. «Uma frota de onze velas, guarnecida de portuguezes, é capaz de meter medo á India em peso.»

Pero Vaz de Caminha regosijou-se summamente da firmeza com que via sustentar um parecer cujas ideas elle não desaprovava. — Como homem religioso, de curiosidade, desinteressados intentos [e menos amigo do saber para fazer monopolio e gozar, do que para se satisfazer de que os mais gozassem, lendo-o e ouvindo-o] se agora aqui ficasse seria, com antecedencia, dos Tupiniquins, qual outro Cieça dos Peruanos, Garcillasso dos indigenas do Mexico seus ascendentes, Soares dos Tupinambás, e Heckwelder dos Mohicanos. Porem assim o não quiz a sorte. Chegou talvez a figurar-se já de volta, velho e de bordão, a andar no Porto, onde antes fôra mestre da balança da moeda, (*) ou em alguma das outras povoações do Minho em que estivera, a gozar felicidade e abundancia no seio da sua familia. —

Ataide continuava a querer discorrer e tratava ácerca da bondade da terra e possibilidade de nella haver minas e riquezas, quando Toar retrucou na sua geringonça castelhana:

«Por muy buena que sea esta tierra, me parece que no hande igualar nunca sus riquezas a las que puede proporcionarnos la India, donde comerciaremos con gran provecho en el ramo de especiarías, que tantas ganancias ha producido a los Venecianos que en él se ocupan. Ni se podran tampoco comparar con las que podemos sacar de las minas de Sofala, endonde llegará dia de egercer yo algun mando si Dios quiere. Es solamente menester mandar participacion a S. A.» ...

«Mas pergunto, [continuou Ataide] de que havemos nós mandar participação a elrei? Dir-lhe-hemos que fomos achadores de uma terra da qual nada conhecemos? Outras e mui outras, são as instrucções que nos deixou escriptas o Sr. infante D. Henrique que Deus tenha em gloria!»

«Cifra-se o caso» continuou Ayres Gomes da Silva «em se enviar um presente a elrei sem nós proprios sabermos o que elle seja; certo, senhores, que mal de nós julgará S. A. se vir que, maritimos, somos tão acanhados examinadores de ver cousas novas.»

«Não me parece tão pouco isso» atalhou Nicolau Coelho: «antes creio que a dádiva é mais generosa, quando se della não faz tanta menção e apreço. Deixemos esse cuidado a outrem, e lembremo-nos do

(*) Nomeado por carta de 19 de Maio de 1496.

adagio—se mui bem de nós dizemos, aos outros deixamos menos. — O meu parecer é que se cumpram em tudo as ordens de S. A. Senhor capitão-mór” proseguir endereçando-se a Pedr’Alvares “eu que já vi Calecute, e que, ainda não ha dez mezes, fui dar a nova do descobrimento da India ao nosso serenissimo rei, estou no caso de avaliar as perdas que póde trazer a demora desta armada; e por tanto sou de opinião que continuemos a nossa róta para a India.”

”Tambem julgo mais em serviço de Deus e d’elrei e da exaltação da Santa Cruz sob cuja influencia vimos” acrescentou Diogo Dias. “Porem alem disso fallando pelo que mais de perto me toca direi que fui por S. A. incumbido e mais meu irmão de irmos a Sofala negociar a troco de ouro varias mercadorias que levamos, a fim de privar quanto antes deste commercio os mouros inficis: e não ficaremos nós responsaveis pelas perdas e damnos que soffrer S. A. na falta de cumprimento das ordens que recebemos?”

Bartholomeu Dias ouviu estas expressões de seu irmão com mostras d’indifferença, como se em todo o caso algum mau fim antes de tal chegada a Sofala lhe presagiasse o coração. Simão de Miranda redarguiu com força estribando-se porem quasi nos mesmos argumentos, — nunca perdoando occasião de chasquear o castelhano Toar, a pontos que talvez só a lei da ordenação (*) ao depois dada á luz seria capaz de obstar a que chegassem a medir as espadas em algum desafio.

O infernal Pedro de Ataíde, tomando igualmente pela segunda vez a mão, começou a poetar em prosa, discorrendo ácerca da provavel amenidade da terra, das minas d’ouro e prata que poderia conter, e em summa tanto fugiu da questão que se fosse hoje seria talvez chamado á ordem, mas em tempos de tanta cortezia todos o ouviram attentamente.

Ambos foram de novo rebatidos por Nicolau Coelho que argumentava com factos, e os factos tinham naquellas eras tanta força como nestes tempos d’agora teem as theorias novissimas apresentadas por livros francezes, com o anno da impressão adiantado. (**)

Ayres Correa ancioso de se ver na sua feitoria de Calecut, para onde até levava a familia, exultou de alegria, ao presenciar que a opinião sustentada por Coelho foi quasi unanimemente abraçada, sendo-o até por aquelles que não haviam tomado parte neste debate.

Ataíde propoz então que ao menos saíssem a terra para poderem sequer mandar a elrei algumas informações da bahia, onde estavam fundeados; informações uteis aos pilotos que depois viessem; que este porto segundo Pero Vaz poderia ao menos servir “de ter alli pouzada para aquella navegação de Calecute.” Simão de Miranda, que era o outro vencido approvou tambem este pedido.

“Tenho ainda antes nova proposição que fazer e não menos importante” disse o capitão-mór. “Tenciono deixar nesta terra dois degradados e quero ouvir-vos se convirá em seu lugar tirar por força um par destes homens para os mandar a S. A., que certamente folgará de os ver.” —

Nesta proposta de Cabral havia um certo fundo de justiça: tratava-se de uma compensação na população; e Pero Vaz ainda que nada sonhava das theorias modernas de Azais, achou a idéa engraçada, e por boca pequena disse para Ayres Correa, que lhe ficava ao lado — “Parece natural uma vez

que se remetem tantas armas, vestes e trajas para S. A. examinar, que vão tambem homens á mostra, pois só assim poderia elrei ver tudo nos competentes lanceiros.” (:))

“Nenhum inconveniente reconheço na approvação do alvitre do nosso capitão-mór” afirmou mui pausadamente Ayres Gomes, encostando-se ao punho da espada, e anedeando desdenhosamente as barbas com a mão direita.

“Ni yo tam poco” disse Sancho de Toar na sua aravia acastelhanada, sem fazer discursos, que já estava mais socegado do espirito, e com menos gana de fallar.

Seguiu-se um breve silencio, acompanhado só de alguns meneos de cabeça; e olhavam quasi todos para Pedr’Alvares como decididos a approvar a proposta, quando se reconheceu que um dos capitães já meio grisalho, que até ahí parecera meditabundo, dava signaes de desaprovar. E esse homem respeitavel, que fôra o primeiro vencedor do cabo Tormentoso, proferiu logo com voz energica — “Não concordo.” — Estas duas palavras, sahidas da boca do grande Bartholomeu Dias atrahiram sobre elle a attenção de todo o conselho. — “Tenho ainda bem presente — continuou elle — “o trabalho que me deram 2 negros, por Diogo Cam trazidos do pé do rio Zaire, os quaes elrei D. João 2.º, que Deus haja, quando enviava ao descobrimento da India me incumbiu de os deitar na angra do Salto, por lhe não serem de utilidade alguma. Nescios e ignorantes, sem de ordinario terem sequer visto cem passos em distancia do lugar em que nasceram, quando são perguntados dizem a tudo que sim, ou a tudo que não; conforme lhes apraz, ou conforme julgam aprazer a seus interesses.” —

“Não ha duvida” — interrompeu Nicolau Coelho — “sempre me hei-de lembrar do que me aconteceu no rio de Santiago com 2 negros que tomára; apezar de terem sido postos em terra depois de mui bem recebidos e pensados, nada disso valeu para que deixassem de perseguir o valentão Fernão Vellozo, que se viu obrigado a tomar as de villadiogo para escapar. Já fiz hontem menção deste caso quando seguindo o dictame do grande capitão, cujo parecer tambem agora apoio, defendi a conveniencia de pôr em terra os dois homens.”

“Assim é” — continuou Dias, levantando os olhos com gravidade — “de tão adequada incumbencia ambos tivemos a fortuna de ser encarregados, e para tal decisão não concorreu pouco essa historia com vosco succedida perto da bahia de Santa Helena. Repetirei ora a sentença que tantas vezes ouvi da propria boca do immortal rei D. João — do unico interprete dos planos do sabio mestre de Sagres (§): — Tratai bem os povos que encontrardes, dizia-me S. A., e prezai-os como eu prezo e amo a minha grei. — E tende presente, Sr.º que se expressava assim um principe que soube o que era governar homens, e dia virá [aqui levantou a voz] em que a não preocupada posteridade, se for reconhecedora e o chegar a conhecer, ha-de attribuir-lhe as glorias já adquiridas, e as ainda reservadas á minha cara patria. Mui bem me persuado que o prazer ou curiosidade que elrei terá em ver dois homens, não pagará nem a falta que podem fazer aos seus, os quaes julgarão que os tragámos, nem o escandalo que vamos dar, quando convem valermos-nos de todos os meios de paz e mansidão. Comuniquemos portanto a S. A., tal é Sr.º a minha

(:)) *Lanceiros* ainda hoje no Minho significa *cabides*.

(§) John II had imbibed the passion for discovery from his grand-uncle Prince-Henry, and with his reign all its activity revived. — *Washington Irving*.

(*) Liv. 5 Tit. 93.

(**) Em Novembro de 1839 já nós possuíamos em Lisboa o 1.º Tomo do *Cours d’Economie Politique* do P. Rossi, impresso em Paris em 1840. E’ especular de mais!

opinião, a nova do descobrimento desta terra, e não queiramos enfuscar tão boa nova, provando-lhe que o primeiro acto por nós nella praticado foi uma transgressão das sagradas leis da hospitalidade.»

Disse. É todo o conselho approvou unanimemente o dito de tal autoridade. Seguiu-se um borborinho de agitação a uma pausa admirativa promovida por este discurso são e profundo, quando o capitão-mór o interrompeu, batendo por duas vezes no punho da espada; e fez o encerramento do conselho com a seguinte prática:

—«Decidimos pois mandar parte a elrei deste descobrimento, sem lhe remeter amostra da gente da terra; e proseguirmos a navegação para Calecute, leixando aqui, afim de aprenderem esta lingua desconhecida até de Gaspar da India, dois dos degradados que trazemos. Poderão algum dia ser prestadios aos que elrei cá enviar. Aceito e mui cordialmente vos agradeço o parecer, e a assiduidade e interesse que todos mostrais a bem do regio serviço. Levarei tudo á presença de S. A. para que se sirva de vos fazer mercê.—Resta-me attender á lembrança do digno commandante do navio S. Pedro, tambem recomendada pelo meu immediato, Simão de Miranda. Ainda temos por nossas algumas horas de sol: é minha vontade que vamos todos nos bateis a terra ver quejando é o rio que alli vem desaguar. Justo é que depois do trabalho haja tambem folguedo como n'um proverbio nos deixou escripto o rei sabio. Escuso advertir-vos de que todos devemos ir armados.»—

Dahi a pouco já estas ordens se estavam a pôr em execução. Pero Vaz, que, segundo consta, de todos estes factos lavrou uma acta, exultou de contentamento, vendo que lhe apareciam tantos novos assumptos curiosos para a carta que escrevia a elrei D. Manuel; com a qual esperava porventura obter d'elle a vinda para o reino de sua amada filha e de Jorge de Soiro seu marido, que contra vontade residiam na ilha de S. Thomé; a qual todavia era de muito trato não só civil pelos muitos judeus lá estabelecidos, como tambem commercial em consequencia de varias duzias de engenhos d'assucar que então alli moíam effectivamente.

Ha porem quem se persuada que no goso desse intimo contentamento, sobrevinha algum desprazer por ir sem ver a terra; de que é o primeiro escriptor, para a insidiosa Calecut aonde segundo cremos foi ser tambem victima das traigões em que morreu o feitor-mor Ayres Correa.

(Prosegue).

O SANGUE NO CORPO HUMANO.

TENDO os redactores recebido uma carta, assignada *Amicus*, na qual polidamente expõe o signatario a duvida que lhe suscitou a leitura do artigo=Circulação do sangue=inserto em o N.º 130 deste Jornal [pag. 343 do 3.º vol.], achamos ser dever nosso aclará-la; o que sempre faremos quando as observações que se nos dirigirem forem rasoaveis e redigidas em termos urbanos.

O temor do nosso *Amicus* consiste em recear que os facultativos [que devem saber o seu officio] se aproveitem para sangrias desapiedadas, e porventura fataes, desta proposição do artigo citado. = A porção de sangue do corpo de um homem adulto é de trinta e quatro libras.=

Pois bem: para remover escrupulos que em materia tão importante são sempre dignos de attenção, citaremos authoridade competente.

No compendio de *Phisyologia impresso em 1839*, pelo Dr. Jeronymo José de Mello, e que é extrahido principalmente de Muller, Sprengel e Burdak, famosos escriptores allemães, lê-se o seguinte a pag. 50.—«A quantidade de sangue no homem não pôde avaliar-se exactamente; calculando porem pelas grandes perdas que se pôdem soffrer sem a extincção da vida conta-se aquella de oito a trinta libras, variando conforme o temperamento, idade, e disposição individual.»—

ADMIRAVEL é a diligencia e cuidado que a natureza põe em impedir o vacuo, e que em todo o universo não haja logar vasio. A este fim vemos subir a agua, descer o ar, mover-se a terra, romperem-se os marmores, estalarem os bronzes, e correrem todas as creaturas com impeto contra suas proprias inclinações. Daqui nascem os frequentes terremotos, e os extraordinarios e horrendos, que não poucas vezes derribaram e destruíram cidades inteiras. O mesmo que faz a natureza por impedir o vacuo, faz a ambição pelo occupar. Em havendo logares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pertendentes, não por impedir [que só se impedem uns aos outros] mas por occupar o vacuo, e tanto com maior e mais violento impeto, quanto a natureza acode ao bem commum do universo, e a ambição ao particular de cada um.—*Vieira. Sermões.*

Educação em S. Petersburgo.—A universidade de S. Petersburgo tinha em 1837 nada menos de 73 lentes para 385 estudantes. Debaixo da direcção da universidade havia 9 collegios, 50 escholas secundarias e 99 escholas de partido, 913 professores, fazendo um total de 986 professores, e 12:685 estudantes. No mesmo anno havia na universidade de Moscow 96 lentes, e 611 estudantes. Esta grande desproporção entre professores e discipulos, em duas cidades de quasi meio milhão de habitantes cada uma, não dá idéa muito favoravel da educação popular na Russia apesar dos esforços do governo.

É a cortesia a grammatica das pessoas illustres; porque as linguagens da arte das côrtes nunca as entendeu bem aquelle que tarde veio a estudá-las: se já não é que, porque os homens não fujam de seu perigo, convem que desde moços lhes vão perdendo receio, como os moradores das catadupas do Nilo teem por harmonia o estrondo que aos estranhos estremece.—*D. Francisco Manuel. Epanaphora 1.ª*

Cultura das vinhas em França.—Em uma relação estatística acerca da cultura das vinhas em França, lemos que se empregavam só neste ramo de agricultura 2:200:000 familias, ou 6:000:000 d'almas, isto é uma quinta parte da povoação de todo o reino.

SENTENÇAS.

QUEM quer mais do que lhe convem, perde o que quer e o que tem.

Tres cousas perdem o homem; muito fallar, e pouco saber; muito gastar, e pouco ter; muito presumir, e pouco valer.

Não ha peor surdo do que o que não quer ouvir.

A condescendencia licita faz amavel o superior, agradável o igual, e estimavel o inferior.